FORMAÇÃO DE PROFESSORES: entre a “estetização” que afirma a vida, como ela é, e a “racionalização” que a nega.

Sergio Pereira da Silva[1]

Resumo: O autor utiliza o pensamento de Nietzsche e de comentaristas, além de alguns filósofos da educação brasileira, como referências teóricas para analisar o que chamou de “a decadência da formação de professores, no Brasil”. Inicia sua análise no período mítico-trágico dos gregos antigos, época de uma cultura estética e afirmadora da vida e analisa o processo de ruptura, que silencia a cultura trágica e estética e dá voz à cultura racional que emerge, sobretudo com Platão, Paulo de Tarso e Agostinho. Com este último, a “metafísica cristã” se institucionaliza como laudatória do catolicismo em direção a toda Europa medieval, além de outros povos. O autor situa na ruptura mencionada a origem do ressentimento ou da reatividade que são dois fenômenos culturais que fundamentam o que ele chamou “Pedagogia do Ressentimento”, ou seja, um discurso pedagógico reativo, responsável, no entendimento do autor, pela decadência do processo de formação de professores.
Palavras-chave: formação de professores, estetização, racionalização, inversão de valores.

LA FORMACIÓN DEL PROFESSORADO: entre la "estetización" que afirma la vida, tal como es, y la "racionalización" que niega.

Resumen: El autor utiliza Nietzsche y comentaristas, así como filósofos de la educación brasileña, y las referencias teóricas para el análisis de la “decadencia de la formación docente en Brasil”. Parte del período mítico y trágico de los antiguos griegos, el tiempo de una cultura estética y analiza el proceso de ruptura, que silencia la cultura y la estética trágica y da voz a la cultura racional emergente, especialmente con Platón, Pablo de Tarso y Agustín. Con este último, la "metafísica cristiana" está institucionalizada em el catolicismo y em su laudatoria hacia por toda la Europa medieval, y otras naciones. El autor el autor analiza, geneologicamente, el “ resentimiento” o la “reactividad” que son dos fenómenos culturales que subyacen a lo que él llamó "Pedagogía del Resentimiento", es decir, un discurso pedagógico reactivo, piadoso y redentor, responsable, en opinión del autor, por el proceso de descomposición em la educación y em la formación del profesorado.
Palabras clave: formación del profesorado, estético, de racionalización, de inversión de los valores.

TEACHER’S FORMATION: Between the “aestheticization” that affirms life, as it is, and the “rationalization” that denies it.

Abstract: The author uses Nietzsche and commentators, as well as philosophers of Brazilian education, as a theoretical framework to analyze the decay of teacher formation in Brazil.

[1] Filósofo, mestre, doutor e pós-doutor em Educação. Estudioso do pensamento de Nietzsche e Sloterdijk e da cultura pedagógica brasileira em consonância com a cultura religiosa. Professor da U. E. Educação, UFG – Unidade Catalão. Email: spsilva2014@yahoo.com.br

First of all, he analyzes the mythic-tragic period of the ancient Greeks, the time of an aesthetic culture and life-affirming. Then, he describes the process of rupture toward the rational and emerging culture, moment that he emphasizes thinkers as Plato, Paul of Tarsus and Augustine. Thus, the metaphysical-Christian' culture is institutionalized as Catholicism's laudatory and reaches all Europe and its colonized peoples. The "resentment" or "reactivity" is located in this breakdown between two cultures and two diferente conceptions of formation, This reactivity created what the author understands as a "Pedagogy of Resentment" and its reactive pedagogical's discourse which is responsable, according to the author, for the decline of this teacher's formation in Brazil.
Keywords: Teacher training, aesthetical, rationalization, inversion of values.

Considerações iniciais

Nunca foi tão urgente ou imprescindível, no Brasil, e na formação dos nossos professores, mais especificamente, recuperarmos o espírito trágico-estético dos gregos antigos, do modo como o compreendeu o filósofo F. Nietzsche (1844-1900); nunca foi tão evidente, como nas últimas décadas, o "apequenamento" ou "fragilização" da formação de nossos docentes, e das políticas públicas reféns de cifras e números de classificação (quanto à competência) dos órgãos internacionais, posto em prática, nas últimas décadas do século XX e XXI. O rigor, a disciplina, o ato criador e plástico[2], o hábito e o prazer *do,* e *pelo,* grande desafio, *das*, e *pelas*, grandes adversidades deram lugar à apoteose do consumo e do estímulo à precariedade formativa, comum àquelas culturas que procuram a mendacidade dos caminhos mais fáceis, dos recantos almofadados que, como veremos neste ensaio, iludiu os "fracos"[3] e a cultura da decadência tornou-se hegemônica no Ocidente. Com o "apequenamento" geral da cultura e de sua concepção de formação do homem, as condições culturais estavam postas para que se erigisse a "apoteose do consumo e da vulgaridade cultural", em tempos de capitalismo virtual e domínio geral da vontade de poder do mercado.

Devido ao frenesi consumista-capitalista, os administradores da *res publica da atualidade* ignoram as questões fulcrais da condição humana e existencial, posicionando-as entre as últimas demandas numa lista cujas prioridades exaltam o consumo do virtual, do

[2] O adjetivo "plástico" tem origem no grego *plassein*, que indica mudança de forma ou "moldabilidade" dos materiais. Em Nietzsche, obviamente, a força plástica é a força criadora, no sentido de original, artística, não recriadora, nem reativa.

[3] O estilo da escrita de Nietzsche é, dentre outras coisas, metafórico. Deste modo, algumas expressões que, aos ouvidos daqueles pouco familiarizados com este filósofo, soam como "blasfêmias", não necessariamente o são. A partir da perspectiva nietzschiana, adjetivos como "forte" ou "fraco" não têm conotação de classe, gênero, etnia ou nacionalidade. Dizem respeito, respectivamente, à atitude aguerrida ou à autoprotetora. Em outras palavras, referem-se genérica e respectivamente ao ativo (criador) e ao reativo ou ressentido (não-criador).

modismo supérfluo e de toda sorte de "bugigangas", materiais ou ideais, que não afirmam as necessidades da vida como, de fato, ela é. Dentre estas necessidades, interessa-nos, a educação e, mais especificamente, a formação de professores.

Este contexto frenético, dominado por equívocos e mendacidades, deixa um artista-educador perplexo e indignado. Questões pedagógicas, como a formação de professores, não conseguem eludir a cultura da "décadence" e se tornam instrumentos de reforço e manutenção da decadência própria dos discursos e das práticas pedagógicas clichês: "politicamente corretas" ou "democráticas". Referimo-nos aos modismos redentores e às ações facilitadoras ou "afirmativas" convictos de suas boas intenções políticas e inclusivas que, entretanto, não passam de idealismos e de uma moralidade resistentes à arte e à necessidade da afirmação da vida.

Neste ensaio, pretendemos analisar a inversão axiológica com que a metafísica cristã passou a negar os valores afirmativos e estéticos da vida real e, ardilosamente, empunhou valores negadores da existência imanente e cotidiana em favor do paradoxo do real idealizado. Esta inversão, para nós que somos ocidentais americanos, nos foi legada pela cultura colonizadora europeia cristã, mantém-se dominante até mesmo entre os que se dizem ateus, sejam materialistas ou não.

Na formação de professores, significaram, e significam, respectivamente: primeiro, a razão devido à qual esses profissionais do ensino perdem a dimensão do que é a demanda formativas face às adversidades atuais, segundo, o motivo pelo qual os egressos dos cursos de formação de professores se tornam, cada dia, menos hábeis no domínio da cultura elaborada, das técnicas e dos conteúdos indispensáveis ao ensino e à aprendizagem.

Antes que definamos, metodologicamente, nossa problemática e nosso referencial teórico, e para facilitar a compreensão deles, trazemos, em seguida, alguns conceitos que serão aprofundados ao longo da nossa argumentação.

Consideraremos como "trágico" ou "estético" o período cultural que se inicia com os poemas homéricos, na Grécia Clássica, por volta do século X a. C., e se estende até a dramaturgia de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes etc. nos séculos VI e V a. C. Ainda que neste período, e nos séculos seguintes, vá se impondo a racionalidade na cultura grega, inicialmente com os "pré-socráticos", estes ainda com um pé na arte trágica e outro na emergente filosofia grega. Esses primeiros filósofos propuseram indagações cosmológicas (cosmos + lógica = o princípio de tudo, o movimento e a estrutura do universo) fiéis ao mundo aparente, imanente e físico.

A partir de Sócrates (469-399 a. C.) e de Platão (428-348 a. C.), mais precisamente a partir do segundo[4], conhecemos uma razão que se emancipa do "físico" ou do "material" e se arvora a busca de verdades perenes, e ideais, no "mundo das ideias": a razão idealista. Neste momento decisivo da história da cultura ocidental, inicia-se a "décadence", conforme Nietzsche. Na prática, o idealista deixa o cotidiano, o real imanente, e passa a viver em função de um real transcendente que, no início, foi a ideia e, poucos séculos depois, tornou-se, no Ocidente, o deus cristão.

Concepções e práticas, inspiradas na metafísica platônica, vão se tornando hegemônicas cultural, social e politicamente. Promove-se o crescimento de um tipo de filosofia e o silenciamento do outro. A atitude silenciada será, neste ensaio, chamada de "atitude afirmadora" e a hegemônica de "atitude negadora". A primeira, a cosmológica e imanente, mantém a afirmação estética da vida; a segunda, a metafísica, nega a vida aparente e busca verdades perenes em um mundo de ideias transcendentes.

O domínio cultural e o político da atitude negadora, a partir de Platão, e o ostracismo, a indiferença, o silêncio ou a clandestinidade (igualmente culturais e políticos) que restaram àquela atitude afirmadora influenciaram, decisivamente, na geração do homem ocidental e, consequentemente, nas suas concepções pedagógicas e práticas educacionais. Destas concepções e práticas, faremos, no final deste ensaio, inferências sobre a formação de professores.

Dionísio, o deus da embriaguez[5], e todos os simpáticos à cultura mítico-trágica dos gregos antigos, certamente ficam a indagar: por que ignorar e desqualificar aquela cultura estética e cosmológica que tanto encantou e inebriou poetas, filósofos, historiadores, antropólogos e artistas das estaturas de um Heráclito (535-475 a. C.), um Diógenes (404-323 a. C.), um Leonardo Da Vinci (1453-1519 d. C.), um Schopenhauer (1788-1860 d. C.), um Nietzsche, um Richard Wagner (1813-1883 d. C.) e tantos outros?

Chamam-nos atenção para duas respostas comumente apresentadas à questão do parágrafo anterior: a que considera mais relevantes os *motivos econômicos e sociais* (a infraestrutura produtiva e comercial); a que aponta para *motivos culturais* (as estruturas

[4] Em Sócrates, ainda vemos um filósofo na praça pública, no tribunal e em outros espaços da vida cidadã Grega, conforme análises de Vernant (1992), de Xenofonte (1972) e de Silva (2005).

[5] Apolo e Dioniso são deuses gregos que possuem características contrastantes. O primeiro representa o espírito da ordem, da racionalidade e da harmonia intelectual; o segundo, o espírito da vontade de viver espontânea e extasiada. A embriaguez dionisíaca, portanto, é a embriaguez da vontade afirmadora de vida, da liberdade, do gozo e do espírito guerreiro.

sociais, políticas e culturais humanas e seus valores, sobretudo, engrandecidos ou apequenados) diante dos desafios da existência cotidiana.

A primeira resposta, pelo viés da epistemologia do *materialismo histórico e dialético*, lembra-nos que no século VII a. C. o comércio se intensificava na Grécia, e em todo o Mediterrâneo, produzindo riquezas e estimulando a criação e o uso da moeda, dentre outros avanços que favoreceram importantes "conquistas" materiais e culturais. Do mesmo modo, foram criadas técnicas mais eficientes para a produção de bens que trouxeram melhorias no padrão de vida dos cidadãos. Surgem as *pólis*, racionalmente organizadas através da participação dos cidadãos nas praças públicas, onde debates e raciocínios bem formulados representaram não apenas o esforço por um discurso mais argumentativo e lógico, mas também por uma convivência mais racional e complexa. Em um contexto como este, com novas demandas humanas de todas as ordens (urbanas, morais, políticas, econômicas e educacionais), as explicações mitológicas passaram a ser subestimadas e rejeitadas.

Ora, as primeiras filosofias, as pré-socráticas, tinham mantido a perspectiva cosmológica, ou uma suspeita que interroga o princípio de todas as coisas (a "arché"), o surgimento e o funcionamento da vida e do Universo, o estudo da natureza ("physis"). Ou seja, miravam fundamentalmente questões imanentes, no âmbito da vida material, mas não negavam a importância de ter o "mundo sensível" como referência e objeto fundamentais.

A segunda resposta, pelo viés do pessimismo dionisíaco de Nietzsche, que nega enfaticamente a "metafísica", o idealismo clássico e o romântico, além de quaisquer interpretações lineares, universais e deterministas, sugere que valores nobres foram substituídos e invertidos por valores do homem "fraco", "ressentido", forjados pela "metafísica cristã". O filósofo de *Röcken* diria enfaticamente: *assim fizeram os filósofos gregos, a partir de Sócrates, influenciando uma cultura que passou a flertar com o canto da sereia do conhecimento, com juras de felicidade. Optaram pelos recantos almofadados, próteses e consolos*[6] *que os aliviassem da canseira da existência. Não sabiam que ao negar o sofrimento, negavam, automaticamente, as condições de superação e de enfrentamento daquela canseira. Na cultura trágica, a vida é este desconforto assimilado e curtido: uma peleja insana, não porque o sofrimento era-lhes agradável como um fim a ser atingido, desejos "masoquistas", mas porque a peleja é inerente à vida real e pode ser a ela integrada. A cultura trágica não foi negada pelos racionais apenas porque esgotou histórica e*

[6] As metáforas "*recantos almofadados, próteses e consolos"* referem-se à busca idealista por uma vida sem sofrimento, por uma existência sem guerras ou contradições, sem dores e sem as demais adversidades da vida real. Essa busca é uma atitude negadora da vida, como ela é.

materialmente sua pertinência, mas, sobretudo, porque sua "insensatez" e sua "plasticidade" não cabiam nos propósitos, nos projetos e nos sonhos redentores e teleológicos dos "filósofos" que surgiam calando os mitos. (Palavras nossas.)

Através desta suposta resposta do filósofo alemão, queremos enfatizar, nos valores trágicos, o enfrentamento das adversidades da existência humana, o culto ao herói guerreiro, viril, artista, senhor da atitude afirmadora, "par excellence".

Feita a distinção entre os motivos citados na página anterior, asseguramos que os econômicos e sociais são os contemplados, quase que exclusivamente, no "estado da arte" do tema "formação de professores, no Brasil".

Nosso referencial privilegiado, neste ensaio, no contrafluxo da tendência hegemônica deste "estado da arte", será o filósofo F. Nietzsche e seus comentaristas. Analisaremos os perfis antropológicos que ilustram a passagem de uma cultura trágica pré-filosófica para uma cultura racional filosófica, mais especificamente baseada na filosofia "metafísico platônica[7]". Da compreensão do processo constituinte do homem ocidental, indivíduo predominantemente "ressentido" ou "reativo", e de sua cultura, segundo o filósofo alemão, nossos objetivos se estendem até as inferências possíveis para a sugestão de uma formação de professores que estimule uma "transvaloração", no âmbito da formação e que recupere a atitude afirmadora da vida e não mais a negadora: que forje atitudes e exemplos didáticos, através dos quais os discentes possam vislumbrar e desejar a possibilidade de uma formação com características mais viris, menos dependentes, enfim, uma formação para a autossuperação do indivíduo.

Assim, nossa problemática, situada entre os motivos culturais da decadência do homem ocidental, da educação ocidental e brasileira, conflui para o dilema da formação de professores, atualmente, no Brasil. Interessa-nos argumentar e responder à seguinte provocação: Por que uma formação de professores, no Brasil, afirmadora da vida sem as mendacidades negadoras, idealistas (redentoras) e racionais do platonismo que, cristianizado, chegou até nós, seria um avanço no sentido de se superar a decadência que evidenciamos nos discursos e nas práticas formativas das últimas décadas, salvo raras exceções?

As reflexões com as quais procuramos responder à questão posta dividem-se em duas partes: na primeira, analisaremos a justificação estética como acolhimento da vida como ela é. Em seguida, na segunda parte, tematizaremos a máxima de que a racionalização nega a vida,

[7] Há outras metafísicas. Entretanto, vamos nos ater à platônica por ela ter se tornado hegemônica e por ter, sobretudo, fundamentado filosoficamente o cristianismo paulino que surgiu em meados do século I d. C. e se instituiu como perspectiva religiosa que, posteriormente, dominou a Idade Média.

com sua intrínseca "ferida da existência"[8] e busca o conforto possível através do abandono das dolorosas questões cotidianas sensíveis e da inflexão em direção à lógica, ao conhecimento que prometeram aliviar a canseira da existência humana. Nossa conclusão serão as inferências que julgamos pertinentes à uma concepção de educação e à uma sugestão de formação de professores que revelem uma atitude afirmadora da vida, que neguem o idealismo e as distorções metafísicas responsáveis pela educação e pela cultura do ressentimento que nos apequenam, nos fragilizam, nos mantêm reativos, distantes da vida real e, sobretudo, não protagonistas da peça teatral sobre nossa própria existência.

1-A justificação estética como acolhimento da vida como ela é: a peleja, a contingência (necessidade), o acaso e a dança.

> Nossa fórmula para a grandeza no homem é *amor fati:* não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário – mas, amá-lo.
>
> Nietzsche (1995)

Esta citação em epígrafe pode parecer, aos menos familiarizados com o pensamento de Nietzsche, que este *amor fati* (amor ao destino) propõe a apologia da não resistência, da acomodação, da aceitação de que nossa vida já está, *a priori*, definida. Absolutamente, não se trata disso! O *amor fati* tão somente nos desafia a deixarmos o lugar confortável da ilusão e do idealismo e a olharmos de frente o "necessário", o que é inerente à vida, como a vida é, de fato, para além do idealismo que flerta com recantos almofadados. Só então, acostumados com sua natureza inaudita e trágica[9], poderemos enfrentar o "enfrentável", aceitar o "inevitável" e dançar, com alegria, a dança da vida, somente possível àqueles familiarizados com sua real *facticidade*, no sentido atribuído por Heidegger (2010) e por Sartre (2001 e 2010).

Entre os séculos XIII e IX a. C., período épico dos grandes poemas "Ilíada" e "Odisseia", Homero exalta nos "heleno" (grego antigo) a honra, a bravura, a força, a coragem, a ira e o acolhimento da dor ou da alegria e do prazer de estar vivo, sorver a vida tal qual ela se manifesta, sem mais nem menos. A "Ilíada", que descreve a conquista de Troia (pelos

[8] Os conceitos de "ferida da existência" e "ressentimento", presentes neste parágrafo, serão aprofundados ao longo do texto.

[9] O adjetivo "trágica", neste contexto, refere-se à perspectiva nietzschiana, para qual um acontecimento trágico não caracteriza algo catastrófico, mas, a condição intrínseca à dinâmica da vida, tal qual ela era amada antes que o idealismo platônico inserisse o ódio à ela mesma.

aqueus ou gregos), é um poema ilustrativo da dor, por excelência: trama amorosa, beleza, força, guerra, combates, perdas, mortes; vitória, lealdade e bravura. Tudo convergindo para o valor supremo da *honra.* Tamanha grandeza divinizava o homem, como ilustra este trecho a seguir:

> Príamo falou-lhe [a Aquiles], então, suplicando:
> – Lembra-te de teu pai, Aquiles, semelhante aos deuses, tão velho quanto eu, no limiar da dolorosa velhice. É possível que os que vivem em torno dele o maltratem, e não há ninguém para protegê-lo contra a guerra e a ruína. Ele, porém, sabendo que estás vivo, rejubila-se em seu coração e espera, todos os dias, ver o seu querido filho regressar de Troia. Eu, porém, estou de todo desamparado, eis que gerei os melhores filhos da vasta Troia, mas nenhum deles resta, penso eu. Cinquenta filhos eu tinha, quando os filhos dos aqueus chegaram. Dezenove eram de um mesmo ventre e os demais as mulheres de meu palácio de mim geraram. O impetuoso Ares fraquejou os joelhos de muitos, mas aquele que era verdadeiramente meu, que defendeu a cidade e seus homens, este tu mataste há pouco, quando ele lutava em defesa da pátria: Heitor. Por sua causa, venho agora aos navios dos aqueus, para resgatá-lo de ti, e trago presentes de incalculável valor. Vamos, Aquiles, reverencia os deuses e tem piedade de mim, lembrando-te de teu pai. Mais piedade ainda eu mereço, eis que sofri o que jamais mortal algum sofreu na terra: levei meus lábios à mão do homem que matou meu filho. (Homero, 1998, pp. 413-414.)

O episódio do encontro entre estes dois grandes personagens trágicos, Aquiles e Príamo, neste belíssimo trecho da *Ilíada*, revela o respeito e a admiração de um herói pelo outro, não importando se são inimigos ou não, ambos reverenciam os mesmos valores dos bravos e são leais aos antepassados e aos deuses, honrando-os. Um grande rei e guerreiro beijar as mãos do assassino de seu filho parece absurdo, incompreensível e asqueroso! Entretanto, para o grego trágico, naquele contexto específico, familiarizado com, e sedento por, guerras, habituado à peleja da existência, amar e reverenciar o herói, mesmo isso doendo-lhe, é próprio de quem também é herói, tenta sê-lo e passa a admirar quem o é. No extremo, explica o encantamento e o respeito que Aquiles e Príamo revelam um pelo outro (Homero, 1998).

Para os trágicos, não era honroso fugir às batalhas (tão comuns naqueles tempos) ou a quaisquer adversidades. Só o covarde utiliza-se de subterfúgios, "próteses" e artimanhas políticas para não comparecer à batalha. Não era ético temer as guerras, a morte e o sofrimento. Pelo contrário, o grande herói era divinizado e admirado pela eternidade porque busca um grande inimigo e busca encará-lo de frente, deseja ser o primeiro a chegar ao campo de batalha. Trata-se de uma atitude afirmadora, típica da concepção de honra destes trágicos (Barrenechea, 2014).

A divinização do homem, do guerreiro, por isso nobre, pode ser encontrada em todas as tragédias gregas. "O Rei Édipo", de Sófocles (1992), dramaturgo grego do século V a. C., a mais conhecida das tragédias gregas, ilustra os sentimentos e as ações humanos e divinos de força, desejo, coragem, lealdade, sofrimento, agonia e traição, dentre outros. A condição humana é descrita e encenada sem fatalismos ou desesperos. Nos poemas e nas peças teatrais trágicos, a vida revela suas contingências e seus desconfortos (necessários) que, quando presentes, conferem à cultura sua grandeza e, quando ausentes, sua decadência. As tragédias, recitadas ou encenadas, introduziam, amadureciam e preparavam o homem grego antigo *para* e *na* vida. Ora, tamanha força ética e plástica aguçou o espírito de originalidade e de criatividade daquele povo.

Transformar a vida em versos e depois encená-los para o público é um legado de uma cultura que compreendeu nosso limite de tangibilidade. Percebeu que o real só é possível pelo avesso, bela borda, pela dobra. É o respeito pela metáfora como único instrumento de aproximação do real possível. Isso é afirmar esteticamente a vida! Sem esta afirmação, a vida, como é, nos mata imediatamente quando a percebemos, no exato instante em que a contemplamos como tal.

O cidadão heleno nascia, respirava e cultuava tais valores e vivências artísticas reiteradamente, de forma clara e explícita (não havia o implícito, tampouco a insinuação da suspeita), no cotidiano cultural. A metáfora, o enredo e a atuação dos atores, na apresentação teatral, eram uma reverência ao mundo e à vida tal qual eles são, à imanência do existir humano em sua nudez e concretude (Silva, 2011).

Não eram momentos melancólicos, deprimentes e fatalistas. Estes adjetivos pejorativos foram associados à cultura trágica pelos racionalistas reativos, séculos depois. Em outras palavras, a tragédia grega não era "trágica", como entendemos este adjetivo atualmente. Integrados à cosmologia do povo helênico, a dor, a guerra, os fenômenos naturais, a morte, o nascimento, o amor, o ódio e o sofrimento – enfim, a vida como ela é – inebriavam porque algo grande sobrepunha-se à pequenez. Era a vitória da força sobre a fragilidade ou a fraqueza.

O acaso, o caos e a imprevisibilidade dos acontecimentos da vida humana proviam uma resistência e uma força incomuns àqueles indivíduos. Afinal, por não buscarem o conforto (próteses, bengalas ou consolos diversos), por não utilizarem ardis transcendentes e protetores, esses trágicos demostraram sua atitude afirmadora e forçosamente aguerrida. Eles viviam o hoje de acordo com a nobreza de uma regra, de um gesto ou ato que fosse o gozo máximo de cada instante, de cada momento ou de cada dia. Deste modo, a possibilidade do

eterno retorno do mesmo, ou o ter-que-se-viver-tudo-de-novo, e de-novo e, infinitamente, de-novo, não constituía, absolutamente, algo assustador, mas, pelo contrário, excitante porque aquele "mesmo", que retornou, foi vivido na sua possibilidade máxima.

O filósofo Nietzsche encantou-se com tal expressão de humanidade. Viu nesse povo a ilustração maior da grandeza do homem em contraposição à "décadence" que adveio com a distorção cultural que se seguiu. Muito sofrimento e muita decepção este pensador alemão deve ter sentido ao ver tal empreendimento e tal esforço da cultura mítico-trágica sucumbirem e serem superados por valores e por uma cultura menores: os lógicos transcendentes! Estes são valores que, se utilizando do *álibi* de que a evolução do conhecimento, através de suas ferramentas lógico-inquisitórias, aliviaria a canseira da existência e proveria a felicidade essencial ou eterna, inauguraram, na realidade, a apologia da pequenez, da dependência, da previsibilidade, ou seja, do medo. Tanto medo da vida, sobretudo da vida prática, haveria de produzir refúgios teóricos, lógicos e otimistas (no sentido de "próteses" e "bengalas" negadoras do contingente), nos quais as ideias, as idealizações e as ideologias emancipadas da prática se enclausurassem.

Nietzsche vê os helenos arcaicos e dionisíacos (trágicos) como sendo aqueles que souberam dançar a dança da vida, da prática cotidiana, porque só se dança, verdadeiramente, no nível *do* e *com* o aparente. Não se trata de uma fácil e confortável opção de vida. Muita dor advém deste modo de ser, assim como muita alegria e movimento − uma alegria possível, não uma idealizada. As dores, os sofrimentos, as conquistas, as alegrias etc. constituem a vida necessária que precisa ser amada, como está escrito na epígrafe que inicia esta seção.

E aquele clima de alegria e irreverência, de celebração e afirmação da vida, entre uma dor e outra, mostra que os helenos (gregos) não eram pessimistas, no sentido de apáticos, desesperançosos, vencidos (tampouco o era o próprio Nietzsche!):

> Ah, esses gregos! Como sabiam do viver! Isso exige a resolução de nos mantermos corajosamente à superfície, agarrados à cobertura, na epiderme, a adorar a aparência e a acreditar nas formas, em sons, palavras, em todo o Olimpo da aparência! Esses gregos eram superficiais... *por profundidade*! (Nietzsche, 2008, p.18)

Superfície, cobertura e aparência ilustram o sentido imanente da tese nietzschiana em contraposição ao ideal ascético e à ideia de "profundidade" que a razão lógica e "metafísica" reivindica como características exclusiva e especificamente suas.

Acreditamos que a afirmação da vida é algo extremamente revolucionário, demanda muita coragem, vontade e determinação. Ora, se a vida é o que nos acossa cotidianamente, ela

está na pele, no mundo tangível pelo imediato, na superfície e, só assim, a sentimos, a tocamos e ela se faz realidade, o que, portanto, exige um espírito forte, livre e guerreiro.

2-A racionalização nega a vida e a "ferida da existência" sonhando com o "conforto" vislumbrado pelo conhecimento lógico.

> o ser mais sofredor, o mais pobre em força vital, [seria aquele que teria] maior necessidade de suavidade, de amenidade, de bondade, tanto nos atos como no pensamento e, se possível, de um deus, que seria muito particularmente para os doentes, um "salvador"; seria ele que teria também maior necessidade da lógica, da inteligibilidade abstrata da existência – uma vez que a lógica tranquiliza e encoraja – seria ele a ter, em uma palavra, maior necessidade dos recantos almofadados de onde o receio parece banido, e das muralhas do otimismo. (Nietzsche, 2008, p. 217. Grifos nossos.)

Precisamos entender o porquê do filósofo Nietzsche associar a busca de recantos almofadados (conforto metafísico) à negação da vida e de sua contingência, que é a ausência absoluta de um sentido para a própria vida ou existência. Ora, as principais intuições do pensamento nietzschiano (*amor fati*, niilismo, super-homem, vontade de poder, eterno retorno, sobretudo.), além de seu "método" genealógico, nos desafiam à autossuperação e ao aumento da nossa força vital. Esta força, que nos leva à autossuperação, é nosso escudo ante a inexorável "ferida da existência", sem que necessitemos de uma lógica tranquilizadora e confortável, sem que busquemos aqueles "recantos" ou nos blindemos com as muralhas (próteses, bengalas e outras mendacidades) do otimismo metafísico, negador da vida. Mas, afinal, por que o conforto atrai o "fraco"?

Ora, geralmente, associamos conforto a descanso, à imobilidade e à satisfação que, por sua vez, lembram-nos ausência de sofrimento e de constrangimento físicos, uma vez que, estando em movimento, nos é mais confortável permanecer assim. Qualquer tentativa de paralisação pode representar a dor que resulta do atrito, até que o corpo pare ou do dispêndio de força para pô-lo em movimento. Essa compreensão soa-nos como se estivéssemos falando da Primeira Lei de Newton, do princípio da inércia. De certa forma, sim, mas estamos, antropológica e psicologicamente, pensando no medo do indivíduo "fraco" quando se depara com o fatídico destino: o devir, a finitude, a morte.

A inevitabilidade, como característica intrínseca do devir, é uma das angústias geradoras da "ferida existência". Ora, se somos os únicos seres conscientes de que a vida orgânica é finita e, portanto, tudo passa (nós passamos), somos os únicos que temos que

enfrentar e aceitar esta fatalidade. Em outras palavras, esta angústia nos é exclusiva e não podemos contar com nada nem com ninguém.

Uma lagarta que se esforça para tornar-se uma borboleta não sabe que vai morrer e nem que o *quando* e o *como* de sua morte dependerão das equações do acaso. Este, sim, definirá com quem ela vai se encontrar (se um predador, um companheiro ou uma folha para degustar). Ainda que o acaso lhe possibilite tornar-se borboleta, este *tornar-se* significa morrer enquanto lagarta. Nós, por outro lado, sabemos da nossa finitude e, ainda que a neguemos, somos transformados a cada segundo.

Tomar consciência desta inconstância e do indefensável acaso, desestrutura ainda mais o "fraco". Ele se sente como semente que é arrancada das entranhas de nossa *fruta-mãe* e lançada ao solo. Ele, como semente habituada ao aconchego, sente a vida que surge de suas entranhas se esfacelando, se "desterritorializando", adentrando o solo estranho onde, em pouco tempo, se reterrritorializa. Quer se embriagar com o deleite da eterna permanência, lugar do conforto, um verdadeiro "recanto almofadado", mas o destino tem outros planos. Resta ao "fraco" o medo e a reação passiva, sentimento e atitude negadores da vida, como ela é.

A vida inaudita e dinâmica produz verdades provisórias que são paulatinamente atropeladas e transformadas, gerando, nos amantes da fixidez e do conforto eternos, crises relativas a*o sentido da vida*. Os deuses, as religiões e todas as formas de convicções ortodoxas, dogmáticas e perenes, enquanto bengalas existenciais ruem diante do caos, do absurdo, da mudança constante. Que horror, que desconforto para o "fraco"! Eis a "ferida da existência" como condição humana, fatídica e inexorável.

A partir de Nietzsche, sobretudo, nos deparamos com uma inevitável constatação: a "ferida da existência" não tem cura! O "forte" só se mantém vigoroso através da justificação estética da vida, como um entrar em cena que o deixa levar-se pelo som e pela dança, os quais o inebriam e o fortalecem para as batalhas que virão com o sol do meio-dia.

Além de Schopenhauer, Wagner, Nietzsche, Spengler (1880 – 1936), Max Weber (1864 – 1920), Sartre (1905 – 1980), Camus (1913 -1960) e outros criticam, ou põem sob suspeita, as verdades milenares ou seculares. E a humanidade, vista a nu e vendo a vida a nu, depara-se, novamente, com a "ferida da existência". Ora, quase dois mil e quatrocentos anos de idealismo (a partir de Platão) não produziram no homem ocidental os anticorpos, ou defesas, capazes de curar sua ferida, ou de amá-la e compreendê-la como inexorável. Atualmente, após um deleite consumista e outro, após um ópio e outro, um devaneio religioso etc., este homem esbarra n*a crise do sentido da sua existência* e a ferida volta a purgar. Não

nos restam dúvidas de que as promessas racionais e idealistas o vilipendiaram, o enfraqueceram, o apequenaram, deixando-o incapaz de lidar com contingências e seu eterno retorno.

Entretanto, diferentemente de tantas formas de constatações e conclusões pessimistas (imobilizadoras), o pessimismo nietzschiano, do período pós-Wagner e pós-Schopenhauer, nos brinda com uma vontade de poder afirmadora e triunfante que, em sendo afirmadora, dança – pelo regozijo de curtir a vida com tudo o que lhe é inerente −, abraça o necessário e, ainda, muda o que é potencialmente mutável. Esta vontade de poder trágica é dionisíaca e Nietzsche finalmente apresenta um sentido viril e guerreiro para do pessimismo. Alguns indagariam: por que manter esse termo "pessimismo"? Ora, assim o fazemos para enfatizar a diferença opositora ao termo clichê e voluntarista do "otimismo" que, ao longo da nossa história, adquiriu um sentido de boas intenções, progresso e de vontade e viver. Estas características são uma dissimulação grotesca. O otimista[10] é, essencialmente, um "fraco", um "decadente" (Silva 2012).

Ora, Nietzsche nos remete a Sócrates e a Platão quando sua genealogia procura a transição, ou ruptura, a partir da qual a cultura racional emerge como vontade reativa (re-ação = *a posteriori* de uma ação). O caráter reativo desta vontade lhe é dado pela atitude negadora do mito trágico, ao invés de uma atitude superadora, como a que o filósofo alemão vislumbrou nas filosofias arcaicas ou pré-socráticas. Enquanto reação, enquanto recriação (re-criação = *a posteriori* de uma outra criação), a "metafísica" platônico-socrática não poderia alcançar os louros de uma filosofia superadora e criadora, em suma, de uma *filosofia*, no *"stricto sensu"*.

Estamos diante dos motivos da célebre indignação nietzschiana com a "metafísica" platônica que se estenderá à "metafísica cristã". Para o Filósofo de *Röcken*, houve um retrocesso, uma *décadence*. A filosofia pós-Sócrates desprezou a grandeza que foi a cultura homérico-trágica e produziu uma ode ao homem da suspeita, aquele que busca o oculto, que espreita o por-detrás do aparente, da superfície ou da cobertura do real. Além disso, este homem da suspeita se "espanta", se "admira" ante uma pretensa essência "pura", mas ignora, ou desqualifica, o físico, o empírico, que lhe parecem maculados pelos sentidos e pela imanência enganadores.

[10] Aqui nos referimos ao otimismo idealista, negador da vida como ela é. Na "Introdução" do nosso livro FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO: entre o otimismo e o pessimismo pedagógico, fazemos um longa análise das características e das diferenças entre o otimismo e o pessimismo.

Pesquisador e filósofo argentino, Barrenechea (2006) tematiza essa ruptura cultural e chama a atenção para a gênese da memória humana no processo de construção de uma consciência racional, teórica, reflexiva, "interiorizada", "profunda" e apta a planejar seus atos. Este autor rebate a crítica dos metafísicos segundo a qual o esquecimento e os fenômenos aparentes são formas menores de conhecimento. No artigo em questão, *Nietzsche: a memória, o esquecimento e a alegria da superfície*, comenta:

> Isso [consciência e memória] que na tradição "metafísica" e religiosa é considerado um privilégio, a marca da superioridade humana no reino animal, é entendido por Nietzsche, ao longo de sua obra, como uma deficiência, uma imperfeição, o sintoma mais claro da penosa situação humana, de sua precária condição. O fato de o homem ter mudado sua natureza animal, ter-se tornado um bicho interiorizado, consciente, reflexivo, é interpretado como uma doença. (Barrenechea, 2006, p. 30)

Ora, apequenado e interiorizado, mantendo e direcionando seus instintos agressivos contra si mesmo, este homem está doente. E quem o mantém ruminando os porquês de suas derrotas, ou eternamente no aguardo de redenções, é a memória. Ao invés de possibilitar criações e ações originais, defensoras ou produtoras, a memória possibilita, a reatividade. Só o esquecimento, que opera o fechamento das comportas da consciência, pode facilitar a emergência do acaso, da arte, da humanidade tal qual a Épica e a Tragédia gregas exibiram ao mundo, porque serão compreendidas como parte intrínseca da dinâmica da guerra, da vida real.

Podemos, em função do exposto, inferir uma estreita articulação entre memória, teoria, reatividade, tristeza e incapacidade de viver a vida como ela é. Ora, o "forte", o nobre, errante, entregue à finitude, à prática, à concretude e à precariedade da vida, não necessita da proteção que esta memória lhe possibilita. Ele se permite esquecer porque o que vier é bem vindo e será enfrentado, curtido, dançado, cantado, teatralizado.

Nessa perspectiva nietzschiana, a inversão axiológica ocorrida com o fenômeno do ressentimento (reatividade) diz respeito ao fato de que, devido aos seus valores, o "fraco" não esquece, permanece ruminando derrotas, cobrando reparações; inverte o valor da coragem e da força pelo da humildade e pelo da pequenez. Além disso, busca a lógica, o conhecimento e a pretensa "ideia pura" como escudos para se proteger da autopercepção de sua fraqueza. Para vingar-se do "forte", alardeia os valores deste como sendo maus, imorais, com os quais o homem jamais ascenderá ao "mundo das ideias" ou ao "reino de Deus", idealizados e sinônimos em sua origem. Tal alarido é a vingança daquele que, reativo, e não aceitando a vida em seu dinamismo e devir, confere à previsibilidade, à lógica e à sabedoria (no sentido de racionalidade) valores supremos. E não nos esqueçamos de que estes atributos

(previsibilidade, raciocínio lógico, "sabedoria") devem sua existência aos conteúdos ruminados por quem não se deixa levar pelo devir do esquecimento.

Esta inversão de valores, analisada por Nietzsche (2006) na primeira dissertação de sua *Genealogia da Moral*, nos remete ao fenômeno do "ressentimento" [11], que não poderemos aprofundar , devido aos limites deste ensaio. De qualquer forma, esta distorção ou inversão de valores é uma vingança que consolida o confortável *status* do homem sábio-racional, teórico, como sendo "profundo", em oposição ao homem "superficial", aquele que permanece na borda aparente da vida prática. Os "novos" (re-criados) valores surgem a partir de Sócrates e Platão, mas se cristianizam aproximadamente quatrocentos anos depois.

Pelas mãos de Paulo (5- 67 d. C), primeiro organizador dessa "metafísica cristã", que tem agora Deus como referência fundamental, moldou-se, de fato, o homem do ressentimento. Sistematicamente, cristianizada por Santo Agostinho (354-430 d.C), a "metafísica cristã" traz, para a história do homem ocidental e para a sua formação, uma laudatória mágica, transcendente, teleológica, piedosa, complacente, otimista e platônica. Apesar dos esforços de Tomás de Aquino (1225-1274 d.C), e de outros reformadores do Cristianismo, ainda hoje, há uma indiscutível hegemonia de discursos e práticas "cristãos" que, efetivamente, operam a negação da vida e estimulam, como perfil antropológico supremo, o "homem do ressentimento".

Surge-nos como sendo uma possibilidade de deixar as preocupações cidadãs, terrenas e de se deleitar com o argumento e com a laudatória transcendentes. Mas é uma distorção por que a vida real foi negada, a condição humana real foi ignorada, optou-se pela idílica felicidade e pelo conforto nos recantos almofadados.

Eis porque acreditamos que a ausência do espírito trágico, na nossa formação, é o grande responsável pelo absurdo de vermos indivíduos, que poderiam ser guerreiros e heróis, em todas as dimensões de suas existências individuais e sociais, se debaterem nas redes da insignificância e da fragilidade (inclusive nas redes curriculares de sua formação.). Pura decadência para quem já os viu em batalhas ou para quem já os admirou dançando, embriagados pela vontade de poder ou pela vontade de saber; ou, ainda, para quem já os assistiu em prantos, louvando a vida.

[11] O ressentimento e a reatividade surgem da inversão dos valores trágicos para os valores metafísico-cristãos. É um dizer "não" ao "sim" criador do "forte" que, para Nietzsche, é o indivíduo com as características afirmadoras dos helenos trágicos. É uma vingança imaginária, na qual o "fraco" desqualifica e nega o seu antônimo, *re-criando* os valores de modo que o bem torna-se mal, o grande, pequeno, o primeiro, último etc. Nietzsche culpa Platão e, posteriormente, Paulo de Tarso e seus seguidores por esta inversão que resulta na formação de exércitos de homens decadentes, liderados pela miragem do Jesus paulino (Conf. em: O "pecado" de Paulo, Silva, 2014.): um Jesus manso, humilde, piedoso e misericordioso.

É importante enfatizar que Nietzsche, ao criticar o cristianismo, visa o cristianismo paulino. Um Jesus "histórico", ou "primitivo", com traços trágicos, desejoso de uma redenção imanente e não transcendente, um deus que soubesse dançar, como aquele que morreu na cruz, certamente teria do filósofo de *Röcken* uma avaliação diferente.

O filósofo francês Michel Onfray, em seu *Tratado de Ateologia* (2007), mostra uma cultura cristã afirmadora da vida e silenciada pelo argumento paulino:

> Paulo apropria-se do personagem [Jesus] e o veste, fornece-lhe ideias. O Jesus primitivo não fala contra a vida. Duas frases (Mc VII, 15 e X, 7) mostram-no sem oposição ao casamento mas nem um pouco fascinado pelo ideal ascético. É inútil procurar suas prescrições rigorosas no terreno do corpo, da sexualidade, da sensualidade. Essa relativa benevolência com relação às coisas da vida é acompanhada de um elogio e de uma prática da doçura. Paulo de Tarso transforma o silêncio de Jesus sobre essas questões num tumulto ensurdecedor promulgando o ódio ao corpo, às mulheres e à vida. O radicalismo anti-hedonista do cristianismo procede de Paulo − não de Jesus, personagem conceitual silencioso a respeito dessas questões. (ONFRAY, 2007, p. 111.)

Mais um importante pensador que nos traz elementos para a afirmação de que o Jesus histórico não negou a vida como fenômeno imanente. Há muito mais neste Jesus histórico um bom senso relativista do que uma ortodoxia "metafísica". Entretanto, não é a concepção do Jesus histórico que tem, hegemonicamente, norteado a vida dos cristãos, desde o primeiro século da cristandade. São as ideias de Paulo, com seu Jesus metafísico/transcendente, que se tornaram dominantes entre os "cristãos" nos últimos dois mil anos. Para o filósofo francês, Paulo de Tarso já vislumbrava o potencial e o futuro de uma religião do Império Romano. Portanto, as ideias que triunfaram foram efetivamente aquelas que fazem, ou fizeram,:

> o elogio da fruição em ser submisso, obediente, passivo, escravo dos poderosos sob o pretexto falacioso de que todo poder vem de Deus e de que toda situação social de pobre, de modesto e de humilde procede de um querer celeste e de uma decisão divina. (ONFRAY, 2.007, p. 116.)

Esta polêmica é também mencionada por Peter Sloterdijk, em *O quinto "evangelho" de Nietzsche* (2004), em conferência proferida em Weimar, em agosto de 2.000, por ocasião do centenário do falecimento de F. Nietzsche. Sloterdijk analisa este filósofo e seu desafio de tornar sua obra *Assim Falou Zaratustra* (1981) uma espécie de "quinto evangelho" que, na verdade, nega os quatro canônicos e as epístolas de Paulo, recuperando uma mensagem trágico-estética mais adequada ao perfil histórico de Jesus de Nazaré, uma vez que:

> É desnecessário insistir que Nietzsche identificou o apóstolo Paulo com um dos gênios do absurdo a ser colocado ao lado de Sócrates e Platão; nem é preciso realçar a circunstância de que Nietzsche toma a riqueza das intervenções paulinas para elaborar a medida de sua correção histórica: esta

> correção não pode ser nada menos do que o eixo de uma história do futuro. (SLOTERDIJK, 2004, pp. 45-46)

Como um dos "gênios do absurdo", Paulo universalizou um cristianismo ressentido e reativo em vez de um afirmador da vida. Este "apóstolo" estimulou a racionalização e não a estetização da mensagem do nazareno. Ele foi o mentor de uma corrente filosófico-teológica que dominou a cultura europeia, imposta através de suas armas de guerra, aos povos colonizados.

Inferências para a formação de professores, à guisa de considerações finais.

Ah, esses gregos trágicos e estéticos, eles souberam afirmar a vida! E por não fugirem dela, por olharem-na de frente (por "em-frentarem-na"), perceberam suas fissuras, seus "entres", nos quais podiam beber dela o néctar encorajador, fortalecedor, realista e ousado. Algo não perceptível à distância. Foram aventuras e ousadias ébrias que lhes proporcionaram prazeres e dores, afastamentos e aproximações, até que se acostumaram e se familiarizaram com a sua doçura e com a suas adversidades.

Agarrados ao aparente, na epiderme cotidiana, os trágicos começaram a observar formas, sons, palavras e criaram, a partir destes e pela ação da sua força plástica, outros sons, outras formas e novas palavras: descobriram a arte − mais que isso, descobriram-se arte. Fizeram arte e perceberam o quanto ela os capacitava e lhes possibilitava viverem a vida na superfície aparente, na sua mais absoluta completude e complexidade. Assim, justificaram esteticamente a existência e puderam dançar. Para eles, a "ferida da existência" era uma condição existencial suportável, superável e, até, amável. Era a felicidade possível, vivida e curtida no limite das contingências.

A distorção filosófica, operada pela "metafísica" platônica, e pelo idealismo que toma conta da filosofia desde então, associada a um cristianismo negador da vida, produziu o homem ocidental (homem ressentido e reativo) e sua concepção de educação. O riso calou-se; a criatividade deu lugar à cópia; o instinto prometeico foi acorrentado nos cumes da ignorância; a moral afirmadora da vida, da honra, mediada pelo compromisso, pela competência, pela excelência e pela virilidade que as guerras épicas, ou cotidianas, produziam deu lugar à moral reativa ou ressentida do cristão platônico-paulino, responsável por tornar esse homem um decadente. Toda formação foi contaminada por esta decadência e a formação de professores não ficou ilesa. A escola, os profissionais do ensino, os discentes, dentre inúmeros outros desafios no âmbito político, econômico e social, ainda têm que lidar com esta

insustentável, insuportável e caótica realidade pedagógico-cultural: referimo-nos, como Silva (2011), à "Pedagogia do Ressentimento".

Do ponto de vista da educação brasileira, entendemos que a "distorção" e/ou a "inversão" de valores, que ilustram atitudes negadoras da vida, estão presentes nesta "pedagogia", cujo conceito nós cunhamos nos últimos anos, ao revisitar o debate teórico do "Pensamento Pedagógico Brasileiro", a nossa experiência profissional como docente e as práticas educacionais evidenciadas nas nossas pesquisas. Utilizamos, sobretudo, o conceito nietzschiano de "ressentimento" para caracterizar esta "pedagogia" reativa, responsável pela inversão dos valores, no espaço educacional (mais especificamente dos educativos).

Genericamente, essa "Pedagogia do Ressentimento" é indutora de concepções e práticas de ensino complacentes, ou facilitadoras, permissivas e artificiais. O caráter reativo desta pedagogia – uma vez que não há um ato plástico, criador ou original, tão somente negação ou reação − não estimula uma *cultura pedagógica para a autossuperação*, no âmbito individual, tampouco *uma cultura pedagógica da superação*, no coletivo e social, que seriam atitudes e tentativa heroicas de enfrentamentos (político, epistemológico e metodológico) superadores das dificuldades, aceitando as insuperáveis e vencendo as demais. Diversas próteses e bengalas pedagógicas surgem como sendo "políticas públicas na educação", pretensamente redentoras e inclusivas. Porém, são remendos ou compensações que se pretendem provisórios, mas que, na prática, se institucionalizam e se sedimentam como cultura definitiva. É um olhar que vê a escola pelas lentes da moral, indiferente à epistemologia, à pedagogia, à antropologia ou à política daqueles que intencionam mudar a vida real.

Respondendo à provocação da problemática deste ensaio, defendemos a tese de que uma formação de professores, no Brasil, afirmadora da vida sem as mendacidades idealistas e racionais, negadora do platonismo que, cristianizado, chegou até nós, seria, real e concretamente, um avanço no sentido de enfrentar a decadência que evidenciamos nos discursos e nas práticas de formativas das últimas décadas.

Resta-nos, a nós ocidentais, mais especificamente ocidentais nessa *terra "brasilis"*, em sendo nosso objetivo contribuir para a superação da "Pedagogia do Ressentimento", *transvalorarmos* a vida educativa através de vários caminhos, a formação de professores é um deles. É fundamental que recuperemos o sentido estético da existência, distorcido por tantas investidas metafísicas e pietistas e que olhemos, doravante, nossa existência singular. Precisamos impedir que o medo nos trave, nos tire a ginga, os maneirismos histriônicos e festivos. Só então, contemplaremos, fortalecidos, as seduções e os perigosos cantos de sereia

do dia-a-dia pela ação seletiva de outra moral, a do guerreiro, do herói, do batalhador que sonha com, e busca o grande inimigo, os grandes desafios. Facilitações e redenções pietistas não terão lugar nesse empreendimento formativo. Significa romper com "clichês" de todo tipo: o inclusivo (quando reativo), o "politicamente correto" e outros, tão nocivos à educação!

De que forma uma cultura afirmadora da vida poderia ensejar uma nova cultura pedagógica e, consequentemente, influir tanto na formação de professores como nas práticas escolares?

Da perspectiva macro, onde se inscrevem as relações de poder, como a dos nossos governantes entre si e com os cidadãos, à da micro, onde nas relações se dão diretamente entre nós, gestores, docentes, discentes, comunidade e demais profissionais do ensino com gestores, docentes, discentes e demais profissionais do ensino, conflitos e desafios de poder demandam posicionamentos mais pontuais.

Um administrador competente, que prioriza aquilo que é imprescindível para um efetivo processo de ensino e aprendizagem, está afirmando a vida, a realidade com suas limitações ou necessidade e possibilidades.

Um docente, através de sua competência técnica, do domínio do conteúdo e do aprimoramento constante de metodologias que revelem ao discente a evidente relação entre o saber e as demandas de sua vida real (relação que demanda esforço, cansaço, mas prazer!), cumprirá seu compromisso político (Saviani 1994), promovendo uma formação conectada com as necessidades vitais e éticas (FREIRE, 2002) do indivíduo e da comunidade.

Um discente, estimulado encorajado a se autossuperar e a superar a peleja e a delícia que pode ser o processo de ensino- aprendizagem, será menos reativo e mais criativo; dominará o processo de aprendizagem: um "espírito livre" com compromisso e rigor nas suas tarefas de discente. Este espírito dependerá menos da performance do docente (e do sistema educacional) e terá mais autoconfiança ao lidar com as querelas inevitáveis das relações entre as vontades de poder, na escola, na universidade e na sociedade.

É imprescindível que produzamos, na "transvaloração" educacional, uma cultura que estimule e valorize a educação, a compreensão do sentido e da necessidade dos conhecimentos (arte, técnicas, ciências), a vontade de saber e a vontade de ensinar afirmadores da vida, da honra, como necessidades imanentes e permanentes

Acreditamos que um Estado sério, honesto e competente há de apoiar e reforçar esta cultura. Há de formar, inicial e continuamente, professores, dos quais a "transvaloração" mencionada, uma vez valorizados profissional, social e politicamente, resulte na sua

competência técnica, enquanto seu compromisso político, condição *sine qua non* para um ensino de qualidade.

Em outras palavras, no cotidiano escolar, a atitude afirmadora, e superadora da Pedagogia do Ressentimento, há de:

> resgatar a positividade da Escola Tradicional, para cuja extinção as pedagogias otimistas tanto lutaram; recuperar o rigor da relação ensino-aprendizagem, o sentido de autoridade não autoritária seja do docente, do discente ou dos gestores da educação; enfatizar a pertinência de, ao se priorizar o aluno, construir um currículo relacionado com sua realidade sócio-cultural, sem abrir mão da riqueza histórica da cultura elaborada, que deve ser um legado para a maioria possível; afirmar a virulência da cultura pedagógica da suspeita e da denúncia, sem negar a possibilidade do inusitado, da ação propositiva e sem dar cordas ao dogmatismo tão comum ao determinismo pedagógico. Implica, ainda, em resgatar a sensibilidade "psi" presente nas pedagogias sócio-construtivistas, sem se perder no tragável abismo das emoções. (SILVA, 2011, p. 123).

Este resgate somente será possível se as querelas idealistas forem destronadas e, em seus lugares, irromperem os interesses e as vontades de poder legítimos de cada cidadão, ou professor, que ama e afirma a vida e a terra, priorizando os desafios imanentes, neste rizoma de perspectivas educacionais. A instituição educacional, com suas demandas e desafios concretos, necessários (no sentido nietzschiano) e com uma vontade afirmadora da vida e da importância da educação *na* e *para* a vida, há de produzir grandes professores, grandes profissionais, grandes cientistas, grandes artistas, em um Brasil colorido de etnias que, abraçadas ou com atritos circunstanciais e pontuais, hão de forjar um grande povo, uma grande cultura.

Referências:

AGOSTINHO. *Confissões.* Petrópolis: Vozes, 2011.
AUSUBEL. D. P. *Adquisición y retención del conocimiento.* Una perspectiva cognitiva. Barcelona: Paidos España, 2002.
BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche: memória, esquecimento e a alegria da superfície. FEITOSA *et al* (orgs). *NIETZSCHE e os gregos*: arte, memória e educação. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj; Unirio; Brasília: Capes, 2006.
____. *NIETZSCHE e a Alegria do Trágico*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
HEIDEGGER, Martin. *Ontologia (Hemenêutica da facticidade).* Trad. Renato Kierchner. Petrópolis: Vozes, 2012.
HOMERO. *A Ilíada*. Trad. Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1998.

NIETZSCHE. *Assim Falou Zaratustra*. Um livro para todos e para ninguém. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
____. *Ecce Homo*: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
____. *A Gaia Ciência.* 2. ed. São Paulo: Edit. Martin Claret, 2008.
___. *A genealogia da moral*. Petrópolis: Vozes, 2009.
ONFRAY, Michel. *Tratado de Ateologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2.007.
SARTRE, J. P. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
____.*O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2010
SAVIANI. *Pedagogia Histórico-Crítica*: primeiras aproximações. .4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
SILVA, Sérgio Pereira da. A filosofia deixou a cidade e adquiriu vida própria. Impasse identitário e desafios para o ensino dessa disciplina. *Revista Educação e Filosofia*, Uberlândia, UFU, v.19, n. 38, pp. 69-95, jul./dez., 2005.
____. Pedagogia do Ressentimento: o otimismo nas concepções enas práticas de ensino. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – RBEP*, Brasília - DF, v.92, n. 230, pp. 107-125, jan./abr., 2011.
____. *FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO*: entre o otimismo e o pessimismo pedagógico. Goiânia: Depecac-UFG/Funape, 2012.
____. O "pecado" de Paulo. In: SAMPAIO, Dilaine Soares, POSSEBON, Fabricio (orgs.) *Epístola aos Romanos*. Vol. II, João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2014.
SLOTERDIJK, Peter. *O quinto "evangelho" de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
SÓFOCLES. *Édipo Rei* e outros mitos. São Paulo: Abril Cultural, 1992.
VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
WAGNER, Richard. *Uma visita a Beethoven e outros escritos*. Rio de Janeiro: editora Imaginário, 2015.
WEBER, Max. *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
XENOFONTE. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

Recebido em 25-09-2015
Aprovado em 10-11-2015